

O INCRÍVEL RETORNO DA HISTÓRIA
As Guerras Messênicas: paradigma de um conflito

THE INCREDIBLE RETURN OF HISTORY
The Messenic Wars: Paradigm of a Conflict

Maria de Fátima Silva*

RESUMO

Num tempo em que os olhos do mundo estão postos num conflito, longo e surpreendente, que abala a Europa, todos somos chamados a considerar com atenção os acontecimentos e a emitir sobre eles uma leitura. Assistimos a alguma coisa que, mesmo se para nós surpreendente, está muito longe de ser nova; trata-se apenas de mais um capítulo na História da Humanidade, em que registamos a repetição de uma espécie de ‘convenção de guerra’. Impulso dos mais fortes para subjugar os mais fracos, fragilidade nos motivos que desencadeiam o conflito, meios envolvidos, papel das chefias, emoções e valores postos em causa, são fatores reconhecíveis em todos os conflitos que abalaram o planeta, desde a Guerra de Troia, como uma espécie de eterno paradigma. É dentro desta perspetiva que nos propomos avaliar um outro caso modelo, as Guerras Messênicas, na versão que delas registou Pausânias no Livro IV da sua *Descrição da Grécia*.

Palavras-chave: Pausânias. Lacedemónia. Aristómenes. ‘Mito’ e história.

ABSTRACT

At a time when the eyes of the world are fixed on a long and surprising conflict which is shaking Europe, we are all called upon to look carefully at the events and make a reading of them. We are witnessing something which, even if it is surprising to us, is far from being new; it is just another chapter in the history of humanity in which we are checking the repetition of a kind of 'convention of war'. The impulse of the strongest to subjugate the weakest, the fragility of the motives triggering the conflict, the means involved, the role of leadership, the emotions and values at stake, are recognizable factors in all conflicts that have shaken the planet since the Trojan War, as a kind of eternal paradigm.

Keywords: Pausanias. Lacedaemonia, Aristomenes. ‘Myth’ and history.

1 INTRODUÇÃO

Num tempo em que a Europa e o mundo têm os olhos postos num conflito para muitos surpreendente, o assunto guerra, presente e saliente em todos os noticiários, convida cada um de nós a pensar e a perceber, dentro de um contexto ainda próximo, os indícios anunciadores de um confronto, as suas motivações, os seus condicionalismos e o seu possível desfecho.

Artigo submetido em 29 de junho de 2022 e aprovado em 15 de agosto de 2022.

* Professora Catedrática jubilada do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e membro do CECH - Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. Investigadora na área da Literatura Grega, com preferência pelo teatro, historiografia, textos científicos e estudos de recepção. Atualmente tradutora de Pausânias.

Apesar de tudo o que esta guerra concreta possa ter de particular, existem confluências com tantas outras, inclusivamente desencadeadas pelo mesmo agressor, que suscitam comparações e semelhanças.

Mas bem pequeno será o horizonte dessa ponderação se se limitar a um âmbito temporal contemporâneo, como se o passado que lhe serve de referência se esgotasse num limite de décadas. Estamos a falar de Humanidade, dos impulsos que a condicionam, das forças que a controlam, e esses não são de ontem nem de hoje, fazem parte da qualidade de ser homem. Que comunidades imperialistas ambicionem impor a sua autoridade e apropriar-se de territórios vizinhos e das vantagens que eles prometem justifica-se para própria existência natural de fortes e fracos. Importa, por isso, recuar na História, ir em busca de paradigmas, míticos ou concretos, que, numa linha contínua, nos forcem a reconhecer como o processo que vivemos é ‘apenas’ mais um entre tantos outros que agitaram um percurso de milénios.

Talvez Troia nos venha à memória como o paradigma por excelência de uma guerra. Teve motivos: desagrar honras ofendidas, recuperar um troféu – Helena – para alguém que se achava com direito a algo de que se sentia senhor – Menelau, o marido traído e abandonado, desfalcado da posse da mais bela das mulheres. Para tal se mobilizaram grandes meios, todas as cidades da Grécia reunidas em nome de uma causa comum, na aparência reaver um tesouro perdido. Mas lá no fundo esse era apenas um pretexto, capaz de encobrir pretensões maiores: aqueles bens que as muralhas de Troia possuíam e a que a ambição dos chefes gregos não conseguia resistir. A que se tinha convertido numa potência invasora sitiou durante uma década as muralhas de Troia e a resistência anímica do seu povo. E sentiu-se ufana, quando ao fim de tantos sofrimentos e de tantas vidas perdidas conseguiu, ao que parecia, arrecadar a almejada vitória.

Mas os deuses estavam lá, a representar aquelas forças incompreensíveis mas determinantes, que parecem governar a imprevisibilidade do mundo. Muitas dores, talvez mais do que prémios, esperavam os vencedores: ou a morte no campo de batalha, compensada por uma coroa de glória, tal foi o destino de Aquiles; ou a morte, essa inglória, que esperava o comandante supremo dos Gregos, Agamémnon, liquidado numa banheira às mãos de uma esposa ofendida, Clitemnestra, que, com o seu golpe, cobrava anos de abandono, o sacrifício de uma filha e todos os sofrimentos que a irmanavam com a gente de Argos; para não falar de Ulisses que, antes de retomar a normalidade do trono de Ítaca, errou por mais dez anos, atormentado por inimigos poderosos – natureza, monstros, povos adversários. Tudo em nome de uma conclusão que parecia forçosa: a de que nem para os vencedores a guerra valeu a pena.

Recordar Troia é ir em busca de um paradigma, com muito de ficção mas, paradoxalmente, com muito de realidade. Avaliar qualquer outra guerra ao longo da história será sempre, de forma mais ou menos consciente, reproduzir as traves mestras de um modelo que não é apenas narrativo. No seu conteúdo mais profundo, Troia é também o esboço de um fenómeno a que a História da Humanidade se viu forçada a prestar uma atenção constante. Ou o não tivesse visto repetido em cada século, ou em qualquer parte do planeta. Talvez porque marcar território, competir com os rivais mais próximos, acumular poder e fortuna façam parte da natureza humana na sua essência mais profunda.

É justamente tendo em conta a permanência e a atualidade do fenómeno guerra que nos propomos uma análise de um caso concreto, em que realidade e fantasia parecem ter-se associado: o das guerras messénicas a que a Grécia teria assistido em tempos tão recuados quanto os séc. VIII-VII a.C. Não é nosso propósito procurar, deste processo, vestígios objetivos em que assenta, para nós hoje, um verdadeiro relato histórico. Tal como boa parte dos testemunhos da Antiguidade, vamos à procura de elementos simbólicos, talvez de foro mais antropológico. Estamos certos de que, apesar da distância, as narrativas inspiradas neste processo – poucas, incompletas e controversas – têm ainda muito a ensinar aos nossos contemporâneos. E entre os testemunhos desse passado, escassos como já reconhecemos,

vamos fixar-nos naquele que é possivelmente o mais significativo: o Livro IV de Pausânias, dedicado justamente à Messênia (séc. II d.C.).

2 CONTEXTO E NARRATIVA

As tradições associadas com a Messênia ascendem ao retorno mítico dos descendentes de Hércules ao Peloponeso.¹ Pausânias 2.18.7 escreve: “Foi no reinado de Tisâmene que os Heraclidas regressaram ao Peloponeso; eram eles Témeno e Cresfontes, filhos de Aristômaco, e os filhos de um terceiro irmão já falecido, Aristodemo”. Foi então que, perante a ocupação dos invasores dóricos, as velhas cortes locais deram lugar a uma nova divisão de reinados entre outros soberanos. Apesar de fragmentados, o sangue comum, traduzido na descendência de Hércules, assegurava entre eles o parentesco. Segundo o mito, Témeno assumiu-se como o chefe da invasão, conquistou o território nordeste do Peloponeso e fundou o estado dórico de Argos. Na divisão do restante Peloponeso pelos Heraclidas a que se procedeu de seguida, a Lacedemónia coube a Procles e Eurístenes, filhos gémeos de Aristodemo, e a Messênia a Cresfontes (cf. Pausânias 3.1.5, 4.3.3-5). Sem dúvida que o interesse particular de Cresfontes pela Messênia se deveu à reconhecida fertilidade do território.² Feita a partilha, a distribuição e os diferentes interesses dos ocupantes desta vasta região chamada Peloponeso não pareciam pressagiar um futuro harmonioso para os três reinos estabelecidos: Argólida, Lacónia e Messênia.

A fluidez política da região, como também a escassez de testemunhos literários e arqueológicos consistentes, permitiram aos estudiosos dos nossos dias uma multiplicidade de variantes interpretativas, todas elas, no entanto, confluindo em um de dois objetivos: o de encontrar uma origem própria e uma autonomia política para a Messênia, que tinha sido submetida ao poder da vizinha Lacónia e se encontrava debaixo da sua esfera de influência desde tempos muito antigos; ou o de justificar a legitimidade do ascendente lacónio sobre os seus vizinhos. Nas palavras de LURAGHI sobre esta questão de fundo na história da Messênia (2008, p. 3): “Este foi um esforço impressionante para dar forma a um passado, se é que houve algum”.

A submissão a que a Messênia se viu sujeita relativamente à Lacónia desde o séc. VIII a.C. tornou o curso da sua história particularmente incerto. Tirteu e Pausânias são os testemunhos mais eloquentes de um processo que levou um território, antes possivelmente independente, a ver-se capturado, durante vários séculos, por uma autoridade vizinha, até à sua libertação em 369 a.C. Foi esse o ano em que a vitória dos Tebanos, sob o comando de Epaminondas, na batalha de Leuctras, permitiu o regresso dos Messênios expatriados há quase 300 anos, a fundação de uma cidade com o nome de Messene e a independência política da região (4.27.9-11). Mas será que este retorno era a continuação de um passado identificativo de um povo? Haveria uma identidade contínua e coesa entre os antigos e os novos Messênios? As

¹ Cf. Pausânias 4.3.3: “No termo da guerra contra Troia, quando após o regresso a casa Nestor morreu, a invasão dos Dórios e a incursão dos Heraclidas, duas gerações mais tarde, veio expulsar da Messênia os descendentes de Neleu”. LURAGHI, 2008, p. 17 sublinha que o regresso dos Heraclidas e a divisão do Peloponeso entre eles funcionou “de uma espécie de momento fundacional na história mítica do Peloponeso”.

² Numa das suas tragédias para nós perdidas, intitulada *Témeno* (fr. 727e KANNICHT = Estrabão 8.5.6), Eurípides insiste nesta característica que se tinha tornado tradicional, num contexto que provavelmente se referia à divisão mítica do Peloponeso. Os versos que este fragmento nos devolve elaboram uma longa comparação entre o perfil geográfico da Lacedemónia e o da Messênia. Às montanhas agressivas da primeira, circundada pelo Taígeto e pelo Parténio, opunha-se a fertilidade do solo e amenidade do clima da segunda. “Rica em frutos, fértil” (fr. 727e.7 KANNICHT) é um ponto de partida para a descrição de um território abundante em pastagens e gado, com um clima suave, irrigado por um rio, o Pamiso. Estes são traços que tornaram a Messênia atrativa para os seus legítimos habitantes e também para um possível usurpador. Em Pausânias (4.4.3), os próprios Messênios atribuíam o desejo dos Lacedemónios pela posse da sua terra a essa mesma fertilidade, que se tornou fatal.

dúvidas permitiram, já entre os comentadores antigos, especulação e variedade de pontos de vista. Mas uma verdade parecia inegável, a de que o povo messénio, quando sujeito à ocupação lacedemónia, terá encarado uma de duas soluções para o seu futuro: ou o exílio, ou, no caso dos que não quiseram abandonar a pátria, a condição de escravos, agora trabalhadores por conta de um ocupante do território a que antes chamavam seu. ALCOCK (1999, p. 333-4) sintetiza as principais correntes de pensamento geradas por esta situação: uma que “defende que os Messénios, sob a ocupação espartana, deixaram de ter história”, e uma outra que “defendia o direito dos Messénios, apesar da ocupação espartana, a possuírem um sentido de passado”. Esta segunda posição tendeu a afirmar, na história da Messénia, um processo contínuo e a ver num passado distante uma identidade e um potencial de resistência ao usurpador. Assim, os Messénios ao fim de séculos regressados ao seu território, manteriam com o passado um elo coerente.

Nesta polémica, Pausânias produz o retrato distinto de um povo que, apesar dos imprevistos do destino e de uma ausência prolongada do seu território (4.27.11), “nunca abandonou os costumes da sua terra (...), nem desaprendeu a sua língua dórica, antes sempre lhe manteve a pureza”. Por isso AUBERGER (2000, p. 260) pôde reconhecer: “Pausânias criou uma longa fábula, em que atribuiu a estes soberanos todas as qualidades de estadistas e ao seu povo os valores que tornam os homens livres e respeitados ao longo de séculos”. É certo que, depois de considerar os testemunhos arqueológicos e literários, um estudioso como LURAGHI (2008, p. 132) não teve dúvidas em afirmar que, no passado, a Messénia era uma região politicamente débil, sem um agregado populacional forte que lhe centralizasse os interesses; daí uma dependência evidente a uni-la à vizinha Lacónia. O que não exclui a existência de uma cultura que se exprimiu em heróis e em valores capazes de redimir a obscuridade da sua história. Dessa excelência Pausânias é, dentro do que nos resta, o melhor arauto.

3 OS CONTORNOS DE UM CONFLITO: ORIGEM, ETAPAS, OBJETIVOS E ESTRATÉGIAS

Alguma fantasia e muita obscuridade envolvem a conquista da Messénia pela Lacónia, que ocorreu entre os séc. VIII-VII a.C., o que faz dela, de algum modo, também um paradigma. Na versão de Pausânias as diversas etapas do conflito poderiam repartir-se essencialmente em duas fases, a primeira e a segunda guerras messénicas.³ Importa, portanto, começar por considerar as razões aduzidas por ambas as partes, porque é essa a estratégia do autor da *Descrição da Grécia*: colocar em paralelo as versões apresentadas pelos dois lados em litígio. Tudo se teria processado por etapas, em que a verdadeira razão para as pretensões da Lacónia quanto à anexação da Messénia foi sendo obscurecida por argumentos mais ou menos fantasiosos e denunciada com vigor pelo povo ameaçado.

A posse de um santuário situado em espaço fronteiriço entre as duas regiões e que, claramente, congregava um culto partilhado – de Ártemis Limnatis (dos Pântanos) –, marcou a origem do que passou a designar-se por Primeira Guerra Messénica.⁴ Pausânias é firme na justificação deste episódio, denunciando a verdade sob a aparência das justificativas adiantadas

³ Cf. Pausânias 4.15.1-3.

⁴ Este é um culto que remonta provavelmente ao séc. VIII a.C. e, portanto, um dos mais antigos da Messénia. É aguda a observação de LURAGHI, 2008, p. 23, a propósito do significado deste templo para as duas partes: "Sem exagero podemos afirmar que o santuário de Ártemis Limnatis era um verdadeiro ícon do poder de Esparta e da liberdade messénia". Aí teria ocorrido, segundo os Lacedemónios, o rapto de umas jovens lacónias de visita ao santuário e o homicídio de Téleclo, rei de Esparta, ao tentar intervir em sua defesa (4.4.2). Para o mesmo episódio, a versão dos Messénios era diferente: as moças seriam afinal rapazes disfarçados, sob o comando de Téleclo, e infiltrados pelos Lacedemónios no santuário para desencadear um ataque contra Messénios da maior distinção. A reação messénia passava a justificar-se por legítima defesa (4.4.3).

(4.4.4): “Foram os Lacedemónios a tomar a iniciativa do conflito; havendo já neles uma disposição hostil e o propósito de entrar em guerra fosse de que maneira fosse, aproveitaram um pretexto não apenas suficiente, mas muito plausível”. E se este foi já um motivo circunscrito à posse de um espaço para ambos emblemático, mais circunscrito foi um outro episódio a agravar uma relação que se perfilava como tensa. Desta vez, uma questão de negócios de gado protagonizada por um cidadão de cada um dos lados, que envolveu homicídio, pôs os Lacedemónios na posição de quem, apesar de ser seu o responsável pelo agravo, não respondeu à pretensão do ofendido de que lhe fosse aplicada uma pena; e, é certo, este último em desespero face à desconsideração que o vitimava, passou a matar indiscriminadamente todo o Lacónio que encontrasse. Qualquer destes motivos parece pequeno como ponto de partida de uma campanha que havia de conduzir à anexação de um povo. Denúncias mútuas justificaram, nesta fase embrionária, a legitimidade do conflito; da parte dos Messênios, a proclamação dos motivos do ataque era incontornável (4.5.3): “Afirmam que não era essa a razão por que os Lacedemónios queriam a guerra, mas que foi por ambição que lhes atacaram o território e tomaram outras iniciativas ofensivas”.

Das motivações até ao desencadear do confronto decorreu o tempo suficiente para a potência atacante, sem propriamente declarar uma guerra, ir mesmo assim alinhando o seu potencial com vista a esse objetivo. O seu propósito foi consagrado por um compromisso interno (4.5.8): “Juraram então que nem a duração da guerra, que se previa que não durasse pouco,⁵ nem as desgraças, por maiores que fossem para os combatentes, os fariam desistir da campanha antes de, pela força das armas, se apropriarem da Messénia”. Assumido este juramento, a primeira arremetida que, apesar das tensões anteriores, constituiu uma surpresa, processou-se durante a noite e teve por alvo uma cidade vizinha da fronteira, Anfeia. Várias condições a recomendavam como um primeiro alvo: a localização acessível, a abundância de água – que sem dúvida constituía uma vantagem logística – e o reconhecimento de que seria (4.5.9) “um lugar conveniente como base de operações para todo o tempo da guerra”. O ataque surpresa sobre Anfeia causou naturalmente uma chacina e devastação contra uma população indefesa, colhida durante o sono e desprevenida de qualquer meio de resistência; as próprias portas da cidade se encontravam franqueadas e desguarnecidas de sentinelas.

Colhidos de improviso, ainda que episódios anteriores anunciassem já as intenções lacedemónias, os Messênios procuraram superar as desvantagens em relação a um vizinho poderoso, sobretudo em termos de capacidade militar. Êufaes, o soberano então em exercício, encarregado da organização da defesa, começou por tentar garantir, com recurso a todos os homens disponíveis, uma força de resistência; para tal (4.7.1) “convocou todos os Messênios a pegarem em armas: aos inexperos forçou-os a aprender as artes da guerra, e aos veteranos sujeitou-os a uma disciplina mais exigente do que antes”. Mais do que com a competência – nesta primeira fase tudo passava muito pela improvisação –, a resistência contava sobretudo com o ânimo e a motivação dos atacados. Em contrapartida, os invasores começaram por adotar uma tática de pilhagem e de guerrilha, dando por certa a posse fácil do seu alvo (4.7.1): “Por seu lado os Lacedemónios passaram a fazer incursões pela Messénia, sem a danificarem, por considerarem a região como já sua; não derrubavam as árvores nem destruíam as casas. Mas, quando se proporcionava o saque, pilhavam, e recolhiam cereais e outros produtos”. A geografia dos alvos a conquistar é, por enquanto, muito fluida.

Não foi preciso um longo tempo de arremetidas para que o invasor pudesse constatar, da parte do inimigo, uma resistência à partida inesperada. As cidades que almejava ocupar mostraram-se mais bem defendidas do que imaginava, uma ocupação fácil revelou-se impossível, ao mesmo tempo que os Messênios ousavam investir contra os territórios fronteiriços do invasor. As surpresas da guerra no campo de batalha desiludiam os planos do

⁵ Durou efetivamente vinte anos.

invasor e a sua esperança na facilidade e rapidez de resultados. Mas estes eram ainda apenas os primeiros passos num conflito de desfecho distante e imprevisível.

Com algum sucesso na resistência, associado à raiva que se foi apoderando do povo sitiado,⁶ Êufaes entendeu, uns poucos de anos passados sobre a tomada de Anfeia, rentabilizar o estado de espírito que se foi instalando entre os Messénios e tomar a iniciativa de uma campanha contra o invasor de outrora, cuja ameaça se mantinha latente. Esta segunda fase do conflito revestiu já outras características mais profissionais e consistentes. Ambos os lados dispunham agora de forças mais organizadas e o ataque foi calculado. Justamente porque se tinha instalado um novo equilíbrio, os resultados puderam considerar-se inconclusivos e a guerra entrou, de certa forma, num impasse. A batalha travada junto da chamada Grande Vala não trouxe vitória a nenhuma das partes. O conhecimento privilegiado que os Messénios tinham do terreno foi mesmo um fator de contenção para a investida inimiga, evitando um confronto mais direto (4.7.4-6).

A imobilidade militar durante um ano serviu para reforçar meios e intenções. Pausânias introduz então, de modo sumário, na sua narrativa um vislumbre de política interna e do modo como a população lacedemónia reagia ao que parecia um impasse (4.7.7): “No ano seguinte, porém, perante as censuras dos mais velhos, que lhes sublinhavam a cobardia e a quebra de juramento, empreenderam, às claras,⁷ um segundo ataque contra a Messénia”. Alguma quebra nos efetivos disponíveis exigiu dos atacantes uma mobilização indiscriminada de modo a garantir-lhes vantagem quantitativa (4.8.3): “Pela técnica do combate e pelo treino, como pelo número, os Lacedemónios levavam de longe a melhor, dado que os periecos que os acompanhavam já então eram seus súbditos; além de que os Asineus e os Dríopes – que, na geração anterior, tinham sido expulsos pelos Argivos das suas terras, e se tinham apresentado na Lacedemónia como suplicantes – tinham sido forçados a alistar-se”.⁸ Mas o certo é que a quantidade e capacidade logística dos Lacedemónios parecia esmagadora, perante um adversário que sobretudo lhes respondia com (4.8.4) “desespero e a valentia perante a morte”.

O vigor da arremetida foi seguindo uma linha ascendente. A própria mobilização dos soberanos das duas casas reais entre quem o governo de Esparta se dividia – uma diarquia com uma tradição profunda – assegurava a importância da campanha. A falta de resultados concludentes não desanimava o agressor, bem pelo contrário apelava-lhe à tradição e aos bríos de uma potência reconhecida. Brio foi o que não faltou nos beligerantes de uma e outra partes, motivados embora por diferentes estímulos; sob os resultados, Pausânias dá voz à psicologia de guerra, tanto ou mais decisiva do que qualquer potencial ou estratégia (4.8.1): “Quando, nos dois campos, os chefes deram o sinal, os Messénios em corrida investiram contra os Lacedemónios, sem preocupação consigo mesmos, como quem morre por raiva, cada um deles empenhado em ser o primeiro a empreender a luta. Os Lacedemónios confrontaram-nos com ardor equivalente, embora com a preocupação de não deixar romper a linha de batalha”. Entre os ruídos da guerra ouviram-se insultos: dos invasores, que apelidavam de ‘escravos’ os Messénios invadidos; e destes, a denúncia da ganância de um inimigo que não hesitava em pôr em causa os direitos de um povo livre e irmão. À violência do embate respondeu um estado de espírito diferente em cada fação. Entre os Messénios, as tropas trocavam exortações; sem

⁶ Para AKUJÄRVI, 2005, p. 209 a inimizade messénica contra a Lacónia constitui o cerne deste Livro IV. Ou seja, subjacente aos acontecimentos do foro militar, há um sentimento, que é ao mesmo tempo de parentesco e de ódio, que condiciona o processo político. Entre os heróis messénicos, sem dúvida Aristómenes foi aquele que melhor encarnou este impulso coletivo, declarando como sua missão perseguir até ao fim da vida o inimigo lacedemónio.

⁷ A primeira arremetida tinha sido feita de surpresa; *vide supra* 4.5.8.

⁸ Sobre os Dríopes, cf. LURAGHI, 2008, p. 40-3. Originários do norte da Grécia, os Dríopes viram-se sujeitos a nova errância quando expulsos pelos Argivos da sua cidade de Ásine. Foram então acolhidos pelos Lacedemónios, que lhes concederam, para que se instalassem, um território por eles conquistado aquando da primeira guerra messénica. A essa fundação na Messénia deram o mesmo nome de Ásine.

aguardarem o incentivo dos chefes, os próprios combatentes procuravam manter um ânimo coeso e mobilizado: os ilesos animando os feridos a resistir ou a aceitar com alegria a morte em nome de uma causa; e os feridos apelando à coragem dos ilesos, para que a sua morte não ficasse inconsequente. Mais frios e menos emocionalmente envolvidos, os Lacedemônios confiavam sobretudo na eficácia da estratégia (4.8.6): “Os Lacedemônios, em contrapartida, não usavam exortações nem apelos uns para com os outros, nem se mostravam dispostos a extremos de ousadia à semelhança dos Messênios. Mas, como conhecedores, desde a infância, das táticas de guerra mantinham as falanges mais cerradas, esperando que os Messênios não aguentassem o embate durante tempo igual àquele em que eles suportariam o cansaço e os golpes das armas”.

Ainda que mais uma vez inconcludente – “no dia seguinte, nem uns nem outros pareciam dispostos a retomar o combate nem a ser os primeiros a erguer o troféu”, 4.8.13 –, este outro recontro foi esgotando de meios e capacidades o lado mais débil. Baixas, doenças, deserções minavam o seu potencial. Incapazes de continuar a enfrentar a supremacia inimiga em campo aberto, os Messênios retiraram-se para o monte Itome, que fortificaram e de que fizeram um refúgio e um foco de resistência. A guerra conheceu então mais um interregno, esmorecendo a prestação de aliados e baixando mesmo o nível de precaução de ambas as partes. Quando a arremetida junto do Itome enfim aconteceu, a desordem militar gerada em campo de batalha expôs ao perigo a segurança dos próprios chefes (4.10.3): “Êufaes, tomado de um ímpeto mais aceso do que convinha a um rei, investiu sem precaução contra os homens de Teopompo, e foi atingido por inúmeras feridas mortais”. A acefalia penalizou mais ainda os Messênios. Foi então que a escolha de um novo rei trouxe ao poder Aristodemo.

Anos passados, o dia da sempre latente confrontação junto ao Itome chegou. Agora ampliados com grande número de efetivos provindos dos reinos aliados da vizinhança, os Messênios foram capazes de opor uma resistência inimaginável. De resto, os anos vividos sob ameaça tinham capacitado as tropas messênicas, mesmo se inferiores em quantidade, de um profissionalismo considerável. Estas novas condições produziram um fator de surpresa, que merece a Pausânias um interessante comentário sobre aquele lado emocional que uma guerra, como fenómeno humano que é, sempre comporta (4.11.6): “O ser humano, por natureza, reage muito mal ao imprevisto”. Com esta observação, o cronista justificava como, uma vez mais, a vantagem do número e do potencial militar não significou vantagem e vitória fácil para os Lacedemônios. Confrontados com a surpresa, as forças invasoras debandaram em desordem, desintegraram as linhas de batalha e resistiram por grupos dispersos, dando o flanco à perseguição messênica e permitindo um volume de baixas elevado.

De confronto em confronto, uma lição parecia constante: a de que a supremacia de meios não bastava a opor uma barreira eficaz à determinação de um povo movido por ideais de patriotismo e liberdade. Por outro lado, a passagem do tempo opunha também à valentia dos Messênios uma prova insuportável. A perda das chefias, o confinamento ao Itome responsável por fome e carências de todo o género, o esgotamento ao fim de vinte anos que levava já o conflito, convidaram alguns ao exílio. A vitalidade dos confrontos viveu então tempos de retrocesso, sem que mesmo assim a pacificação se mostrasse segura. Com a dispersão dos Messênios, qualquer capacidade de resistência parecia aniquilada, permitindo aos Lacedemônios uma ocupação que durou anos. Arrasado o Itome, outras cidades foram igualmente aprisionadas e ocupadas, enquanto faixas de terreno eram atribuídas a populações amigas de Esparta. A humilhação dos vencidos foi levada ainda mais longe, com o estabelecimento de regras que exprimiam o domínio, ilegítimo mas poderoso, de uma potência vencedora (4.14.4). À exigência de um juramento de não agressão por parte dos invasores, juntou-se a cobrança de uma larga percentagem sobre os bens agrícolas produzidos; e, supremo opróbrio, foi imposto aos Messênios o luto nacional por morte dos soberanos e autoridades do ocupante. Com penas de natureza sociopolítica, económica, mas também ética, os

Lacedemónios procuravam ferir de morte a identidade de um povo agora anexado. Assim terminava a que Pausânias designa por Primeira Guerra Messénica (c.743 a.C.).

A impiedade das medidas tomadas e a coerção sobre o futuro dos que eram tratados como súbditos foram alimentando um sentimento de revolta que demorou décadas a manifestar-se (724 a.C.), no que viria a ser a Segunda Guerra Messénica. Foram os jovens os primeiros a sentir necessidade de sacudir o jugo, tocando a Aristómenes o papel de estimular em companheiros, tal como ele próprio, imaturos e inexperientes, ainda que animados por um instinto de liberdade, um ímpeto revolucionário. Já sob o comando de Aristómenes, que viria a ser reconhecido como o maior herói da Messénia e aquele que consagrou a vida à missão suprema de confrontar os Lacedemónios, as hostilidades reacenderam-se. A estratégia adotada passou então ao modelo de incursões rápidas em comunidades lacónias. Comenta a propósito RODRÍGUEZ ALCOCER (2015, p. 89): “Este sistema não requer um grande exército dirigido por um Estado, antes permite ataques surpresa de pequenos grupos armados, escassamente organizados, que propiciam o desgaste de um exército mais institucionalizado”. Este seria, no momento, o modelo mais apropriado para um povo que carecia de uma organização política, mas se movia em função de alguma coesão étnica. Mesmo assim, três batalhas de resultado variável foram ditando mais um golpe no destino da Messénia, desta vez ainda mais profundo e duradouro nos seus efeitos do que o anterior. Uma primeira, travada em Deras entre as duas partes envolvidas sem participação de aliados, conduziu a um empate (4.15.4); uma segunda, em Esteniclero, proporcionou aos Messénios uma vitória (4.15.7-8); e, por fim, uma terceira, junto da Grande Vala (4.17.2-9), decidida pela traição do suposto aliado arcádio, resultou numa vitória fácil para Esparta.

É então que, convencido da desproporção de forças e da incapacidade de continuar a enfrentar o inimigo em campo aberto, Aristómenes aconselhou os Messénios de todas as cidades a entrincheirarem-se no Hira, uma zona montanhosa e de difícil acesso que dificultaria a investida lacedemónia. Como prova do acerto da medida, o cerco inimigo alongou-se por onze anos, permitindo aos sitiados incursões cirúrgicas em territórios vizinhos, que lhes foram garantindo abastecimento. Mas uma vez mais, um acontecimento inesperado – uma chuvada intensa que despreveniu de vigilância a cidadela do Hira – veio pôr fim à resistência e condenar, agora por séculos, a liberdade da Messénia.

4 A INTERVENÇÃO DECISIVA DE ALIADOS

Como em todos os conflitos, além das partes beligerantes, este que agitou Lacónia e Messénia envolveu também reinos vizinhos (“esta guerra, que envolveu Lacedemónios e seus aliados contra Messénios e os seus parceiros, foi chamada guerra da Messénia”, 4.6.1). Aliados dos Messénios foram sempre os Arcádios, desde logo porque, no seu passado, já o mito apontava para um parentesco de sangue, tão antigo quanto o próprio Cresfontes, o Heraclida contemplado com a Messénia: “Cresfontes casou com Mérope, filha de Cípselo, então soberano da Arcádia, de quem teve vários filhos” (4.3.6). Mesmo quando a interferência de um usurpador perseguiu e liquidou vários dos filhos deste casal, ameaçando assim despojar a casa real da Messénia de um herdeiro legítimo, Cípselo, o avô arcádio, conseguiu proteger o seu neto mais novo, Épito (na versão de Pausânias) e garantir assim a recuperação do trono para aqueles que, no futuro, haveriam de receber o nome de Epítidas. Esta era a primeira vez em que os Arcádios interferiam em favor da autonomia e legitimidade de um território a que as próprias qualidades de excelência sujeitavam a risco.⁹

⁹ Diz Pausânias 4.3.8: “Só Épito que, enquanto criança, foi criado por Cípselo, escapou. Quando se fez homem, os Arcádios enviaram-no para a Messénia, e nesse reenvio participaram também os restantes reis dos Dórios, os filhos de Aristodemo e Ístmio, filho de Témeno”. LURAGHI, 2008, p. 63 sublinha como Pausânias é “o autor que, mais

A importância das alianças com os povos vizinhos tornou-se uma realidade sempre comprovada ao longo deste interminável conflito. Ao parentesco somou-se o jogo diplomático, em que Aristodemo se mostrou particularmente hábil (4.10.6): “Cuidava também das relações com os aliados, enviando presentes aos Arcádios poderosos, a Argos e a Sícion”. E assim mantinha de alguma forma atentos e mobilizados reinos vizinhos e amigos, enquanto as hostilidades se seguiam num padrão morno de incursões e pilhagens. O estalar de uma nova fase no conflito veio mostrar quanto esta política externa tinha sido acertada. A distribuição do xadrez de alianças revelou previsíveis assimetrias. A ameaça imperialista de Esparta afugentou intervenções ativas do exterior, enquanto a causa legítima dos Messênios – a resistência a essa mesma ameaça – colheu simpatias e adesões (4.11.1): “com os Lacedemônios, de entre os Peloponésios, apenas os Coríntios se aliaram, enquanto ao lado dos Messênios compareceram os Arcádios com todo o seu exército, e tropas de elite dos Argivos e dos Siciónios”. E quando os Lacedemônios, percebendo a vantagem dessas alianças, tentaram miná-las, a firmeza que encontraram foi para eles desmoralizadora (4.12.3): “A recusa dos Arcádios – porque foi a eles que os embaixadores primeiro se dirigiram – foi tal que suspenderam a abordagem a Argos”.

Além de reforço de guerra, os aliados foram ainda território de refúgio para os exilados, aqueles que a fome e o receio empurraram para longe da Messênia. O progressivo abandono do Itome dispersou toda uma população por diversos destinos (4.14.1). “Aqueles Messênios que tinham vínculos de hospitalidade em Sícion, em Argos ou na Arcádia trataram de partir para essas cidades. Outros, membros da família dos sacerdotes que prestavam culto às Grandes Deusas, retiraram-se para Elêusis. O povo em geral distribuiu-se pelas suas antigas terras de origem”. Dispersos como refugiados ou, no caso dos mais indefesos, regressados aos seus campos, os Messênios passaram a constituir uma comunidade desmembrada e desprovida de uma coesão com algum suporte político.

Quando, três décadas mais tarde, um sentimento de rebelião foi estimulando os Messênios a sacudirem o jugo do opressor, os cabecilhas do movimento não se esqueceram de apelar, ainda antes de levar a cabo qualquer iniciativa no terreno, à adesão dos aliados que, uma vez mais, não lhes faltaram com o apoio. Interesses políticos principalmente associados com o repúdio pelo ascendente lacedemônio garantiram essa disponibilidade (4.15.1): “Foram entretanto fazendo preparativos para a guerra, e também nos aliados encontraram uma disposição mais entusiasta do que esperavam – pois quer da parte dos Argivos quer dos Arcádios a inimizade contra os Lacedemônios explodia sem rebuços”.¹⁰

A importância da intervenção aliada tornou-se, no campo de batalha, um fator decisivo, enquanto a quebra desse compromisso condenou à extinção o futuro da Messênia. Foi dos Arcádios que, desde a primeira hora, se tinham mostrado os mais leais e ativos aliados dos Messênios que surgiu a traição, não do povo sempre fiel a fatores de vizinhança e a vínculos de sangue, mas de um soberano seduzido pelo suborno espartano, Aristócrates. Perante este episódio, Pausânias não hesita em lançar contra os Lacedemônios o opróbrio de terem sido os primeiros a envenenar com subornos as leis da guerra (4.17.2): “Os Lacedemônios subornaram-no com dinheiro, pois foram eles os primeiros, ao que sabemos, a corromper um inimigo e a tornar suscetível de compra uma vitória pelas armas”. O que até então tinha sido a regra número um do combate – a demonstração da excelência e do respeito pela superior vontade dos deuses – deu lugar à corrupção e à indignidade. Em satisfação da pretensão inimiga, Aristócrates, no confronto junto da Grande Vala, retirou os seus homens do combate no início da batalha, fazendo-o de resto através das falanges messênias, o que causou surpresa e desordem. Este foi

do que qualquer outro, enfatiza o papel dos Arcádios e dos Argivos na refundação do reino heraclida da Messênia, ao dizer que Épito foi reinstalado na Messênia não apenas pelos Arcádios, mas também com o auxílio de Ístmio, filho de Témeno, apenas referido aqui, e dos reis de Esparta, Eurístenes e Procles”.

¹⁰ Sobre a sua mobilização efetiva, cf. Pausânias 4.15.7.

um revés pesado e muito condicionador das expectativas da resistência. Mais tarde, quando o Hira, último bastião de resistência messénia, tinha cedido, o rei arcádio haveria de repetir a traição, desta vez sendo denunciado e punido de morte pelos seus próprios homens. Tratava-se então de acudir aos sobreviventes, o que Aristócrates procurou evitar, sem mesmo assim conseguir impedir a solidariedade do povo arcádio. Indiferentes à atitude incompreensível do soberano, os populares trataram de receber os fugitivos, de lhes fornecer roupas e alimentos e de partilhar com eles casas e terras. Foi, portanto, a um movimento público que se ficou a dever a salvaguarda de valores maiores, o da solidariedade e o da lealdade para com irmãos atingidos pelo infortúnio, perante a corrupção que grassava entre as chefias.

5 A GUERRA E OS SEUS HERÓIS: ARISTÓMENES, O PARADIGMA DE UM CHEFE SUPERIOR

Como todos os grandes conflitos armados que agitaram a história da Humanidade, as Guerras Messénicas tiveram também os seus heróis. Foi nesse terreno das hostilidades que os valores já antes conhecidos como associados aos senhores da Messénia tiveram ensejo de se impor. Em primeiro lugar foi Êufaes o cérebro que comandou a resistência messénica.¹¹ São suas qualidades a perspicácia e o poder da eloquência. E Pausânias é atento a pormenorizar, por contraste entre os dois povos envolvidos, a importância determinante da chefia. É certo que o coletivo tem, em qualquer guerra, uma identidade e uma cultura próprias que condicionam a condução das hostilidades. Já vimos que a estratégia militar no uso dos meios disponíveis e na improvisação daqueles que o conflito exige é, no ponto de partida, determinante. Mas não menos decisivo do que a logística é o ânimo que importa incutir nos combatentes. Esse é sobretudo pelo exemplo e pela oportunidade da palavra que se consegue. Quando a guerra trazia já ao terreno chefes destacados de cada uma das partes – os dois soberanos de Esparta, Teopompo e Polidoro e, do lado messénio, vários comandos à frente de cada um dos batalhões –, a consciência da importância do momento abre espaço a uma alocução dirigida por um responsável de cada lado aos seus homens. Como um bom repórter de guerra, Pausânias adianta pormenores sensíveis na formulação destes discursos (4.7.9-11). Em primeiro lugar a extensão: do lado lacónio, o discurso foi breve, seguindo uma prática a caráter com o povo de Esparta; enquanto o apelo aos Messénios, mesmo se mais extenso, também não ultrapassou o tempo que as circunstâncias aconselhavam. Além da duração, pesou também a pertinência dos argumentos. Como representante de um poder de tradição imperialista, Teopompo fez valer os brios de gerações passadas e os interesses de manter ou alargar um vasto domínio; a sua preocupação era sobretudo a da conquista (4.7.9): “recordou-lhes o juramento prestado contra os Messénios, e quanto era bela a sua ambição; a darem provas de conseguirem maior celebridade do que os seus progenitores, que tinham reduzido à escravatura os vizinhos, e a apropriarem-se de um território tão próspero”. Do lado invadido, Êufaes fez ouvir razões de patriotismo, liberdade e salvaguarda de bens e de afetos, esgrimindo valores de ordem moral que sabia suscetíveis de tocar fundo nos seus ouvintes (4.7.10): “Foi dizendo que estava em jogo não só a defesa da terra e do património, e que bem sabia o que aconteceria se saíssem vencidos: as mulheres e os filhos seriam reduzidos a escravos, e que felizes seriam os homens adultos a quem a morte poupasse ao ultraje; que os templos seriam arrasados e os edifícios

¹¹ AUBERGER, 2000, p. 260 está consciente de que os nomes de referência como heróis da Messénia “não aparecem do nada, como dirigentes geniais num contexto de mediocres”. Eles são sobretudo herdeiros de uma tradição e de um ‘ser’ messénio que lhes potencia as qualidades. Com a narrativa, segundo o mesmo estudioso, a imagem do chefe superior vai-se aperfeiçoando, sendo que “os retratos dos chefes são, a princípio, balbuciantes, não muito mais do que esboços. Mas as suas qualidades encontrarão expansão plena em dois tipos acabados, que são Aristodemo e Aristómenes. Assim sendo, estamos perante a lenta construção literária de protótipos de chefes, cabendo aos últimos um papel de modelos acabados”.

pátrios incendiados”. O perigo foi encarado como aceitável e a morte como o preço da honra e da dignidade.

Mas com o evoluir da guerra a visibilidade recaiu, com particular destaque, em Aristómenes. À laia de introdução e preparando uma focagem particular sobre este chefe de intervenção absolutamente decisiva para a condução da guerra e para o futuro da Messênia, Pausânias procura destacá-lo como o primeiro a distinguir-se e aquele a quem os acontecimentos não trouxeram nunca um rival (4.6.3): “Aristómenes, foi o primeiro e o que maior prestígio trouxe ao nome da Messênia (...) Sobre ele Míron de Priene acrescenta um excuro ao seu relato, enquanto, no poema de Riano, Aristómenes nada fica a dever a Aquiles na *Ilíada* de Homero”.¹² Portanto, os principais relatores de guerra que Pausânias pode recordar como fontes para a sua própria narrativa¹³ foram unânimes em reconhecer o mérito e a intervenção determinante de Aristómenes. Em palavras de LANGERWERF (2010, p. 46), “para Pausânias, ele foi aquele que deu à Messênia uma história independente, mesmo tendo falhado em garantir-lhe autonomia política”.

Muito antes de este Messênio ter tomado o comando da resistência, a reação das autoridades da Messênia perante a iminência do perigo envolvia uma retórica de estímulo e de fortalecimento de ânimo num povo a quem a invasão deixava desorientado. Promovida uma assembleia de emergência após a ocupação de Anfeia, o primeiro grande revés sofrido pelos invadidos, diversas foram as vozes que se fizeram ouvir (4.6.6): “Por fim o rei tomou a palavra para apelar a que não se deixassem abater pelo saque de Anfeia; que não se podia avaliar a guerra inteira por este episódio e nem temer os preparativos dos Lacedemônios por serem superiores. Se o tirocínio dos inimigos vinha de muito antes, aos Messênios era indispensável mostrarem-se valentes; que os deuses os favoreceriam porque eles se defendiam, sem terem tomado a iniciativa da agressão”. Os argumentos usados inspiraram-se na imprevisibilidade de uma guerra de que se conhecia apenas um primeiro momento. À supremacia de meios do adversário opôs-se a valentia como a principal arma de defesa de um povo que lutava pelo seu território e pela sua liberdade. Por fim, uma razão de justiça universal – a inocência de quem era atacado sem ofensa que o justificasse – punha os deuses na condição de primeiros e mais confiáveis aliados dos Messênios.

A importância de uma chefia eficaz, durante anos abalada pela perda dos principais mentores dos Messênios, veio a conhecer tempos de fulgor com a revolta promovida por uma geração mais jovem, inconformada com o futuro subserviente que lhe era imposto. É neste contexto que Aristómenes surge como o maior dos heróis da Messênia. Não admira, portanto, que em sua volta se forjassem lendas, como as que a tradição atribuía a fundadores de cidades

¹² Pondo em causa esta comparação, LURAGHI, 2008, p. 86 enuncia um conjunto de circunstâncias no retrato traçado por Pausânias para concluir: “ferido em sítios mais ou menos nobres (4.16.8), capturado uma série de vezes pelo inimigo (4.18.4, 19.4), em alguma ocasião salvo por mulheres (4.17.1, 19.5-6), tomando parte com diferentes desfechos no rapto em massa de jovens e mulheres espartanas (4.16.9, 17.1), não se assemelha de facto a um herói homérico”. Para acrescentar mais adiante (2008, p. 91): “as analogias com o romance helenístico são muito mais convincentes”.

¹³ “Riano de Bene, em verso, e Míron de Priene, em prosa” (4.6.1). A pujança da figura de Aristómenes garantiu-lhe um lugar na literatura. Antes de mais, Míron incluiu-o na sua narrativa em prosa da primeira guerra messênica, enquanto Riano, o poeta da segunda guerra, o voltava a integrar. Neste desfasamento, Pausânias tende a considerar mais fidedigna a versão de Riano, depreciando as habituais fantasias de Míron. Plutarco dedicou a Aristómenes também uma *Vida* para nós perdida. Além das fontes citadas por Pausânias, outros autores seus contemporâneos contribuíram para o retrato daquelas que pareceram as virtudes essenciais de Aristómenes, a *andreia* (“coragem”) e a *arete* (“excelência”); cf. Diodoro 8.12, Polieno, *Estratagemas* 2.31.

ou a grandes conquistadores.¹⁴ Usando o exemplo de Alexandre Magno e de Arato de Sícion,¹⁵ que múltiplas narrativas retratavam como heróis de referência, Pausânias começa por dar conta das fantasias de que o nascimento do comandante foi rodeado: o de que uma intervenção divina no ato de concepção lhe garantia um ascendente sobre-humano (4.14.7). A isso convidava a juventude e pujança que, desde muito cedo, Aristómenes evidenciou. Quando se tratou de intervir pela força das armas, em Deras – arremetida que se saldou num empate –, mesmo assim a superioridade de que Aristómenes vinha dando mostras atingiu um tal grau que os Messênios, rendidos, queriam fazer dele seu rei; mas, perante a recusa, optaram por atribuir-lhe a patente de “general com plenos poderes” (4.15.4). O mérito principal da sua personalidade, o da chefia militar, estava consagrado.

Como regra essencial para ganhar a consideração dos seus companheiros, Aristómenes assumiu um comportamento responsável e priorizou a importância do exemplo (4.15.5): “Aristómenes tinha por princípio que ninguém se escusaria a sofrer qualquer revés na guerra se ele próprio se distinguisse pelos seus feitos memoráveis”. Orientado por esta norma, a sua atitude foi a de desafio e ousadia perante um inimigo a quem assistiam todas as vantagens. Tomar a dianteira e despertar receios pareceu-lhe uma estratégia promissora; correr riscos no campo de batalha, avançando para um inimigo reconhecidamente superior, tornou-se a sua imagem de marca.¹⁶ Dessa forma impôs-se como alguém surpreendentemente capaz de levar a cabo façanhas que pareciam impossíveis de conseguir por um só indivíduo (4.15.4). A determinação de que dava mostras teve um efeito visível imediato: não só os aliados se mobilizaram efetivamente para lhe dar apoio, como os exilados messênios, ausentes do território depois da tomada do Itome, se vieram juntar ao seu projeto (4.15.7). Para não falar do empenho da sua elite militar, um grupo de jovens da sua geração, que passou a considerar uma honra servir a pátria sob o comando de um tal chefe (4.16.3). Essa disposição criou uma cumplicidade tal que quase dispensou ordens explícitas (4.16.3): “Eram hábeis em entender-se rapidamente entre si, e sobretudo ao seu comandante, quando tomava alguma iniciativa ou se preparava para a levar a cabo”. Esta é, mais uma vez, a imagem de um chefe com o gabarito de Alexandre.

A estratégia usada começou por dar frutos evidentes. Não só o inimigo se pôs em fuga do combate, num primeiro recontro, apavorado com os golpes e perseguições de que se via vítima, como pensou até em desistir da guerra. Estava aberto espaço para o próprio Aristómenes desencadear uma ofensiva, desta vez em terreno inimigo. Atacar e saquear alguma cidade da Lacónia mais acessível, ou mesmo investir contra Esparta, o centro do poder inimigo, fazer prisioneiros de guerra que pudesse negociar (4.16.8-9) foram táticas sucessivamente ensaiadas com sucesso. Não sem que cultivasse o respeito pelo inimigo, sobretudo civil. Assim Pausânias recorda o castigo severo que aplicou àqueles dos seus que, embriagados, tentaram violar umas jovens lacónias de boas famílias capturadas pelas forças messênias. A condenação à morte foi o castigo exemplar para o que soava a barbaridade contra um grupo indefeso e a insubordinação perante o comando.¹⁷ É, portanto, com razão que AUBERGER (2000, p. 270) inclui no seu

¹⁴ AUBERGER, 2000, p. 259 sublinha como o retrato de Aristómenes reveste traços de um herói superior de que Alexandre se tinha tornado paradigma. À semelhança de relatos suscitados pelo comportamento do rei macedónio, também a Aristómenes são atribuídos por versões locais de que Pausânias se faz eco traços de personalidade coincidentes: a divinização do nascimento, o carisma exercido sobre os companheiros de armas (sempre dispostos a segui-lo em situações limite, 4.15.5, 4.16.2-3, 4.18.1-3), a generosidade e respeito para com os vencidos, além de uma ‘estrela’ com que os deuses lhe guiavam os passos.

¹⁵ Cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 2.6, Pausânias 2.10.3.

¹⁶ Em várias circunstâncias, o medo criado entre os Lacedemónios perante a superioridade de Aristómenes tornou-se de facto patente, ou seja, o resultado pretendido foi amplamente conseguido.

¹⁷ LANGERWERF, 2010, p. 62-4 denuncia, sob a linha geral do bom chefe que Aristómenes representa, um ou outro momento em que a insubordinação dos seus homens põe em causa a autoridade do comando. Esta evolução

retrato traços tardios que se acrescentam ao perfil do grande herói épico da tradição: “O tema do vencedor magnânimo, clemente, que faz da bondade e da generosidade uma credencial a mais”.

Se a orientação do comando é essencial a conseguir vitórias, não o é menos quando a sorte das armas não corre de feição. Também em situações de gravidade, Aristómenes não viu abalado o seu prestígio. Foi o caso da desmoralização que se apoderou dos Messênios após a derrota humilhante na batalha junto da Grande Vala. Talvez a resistência tivesse mesmo em definitivo fracassado se Aristómenes não apelasse às últimas energias e reunisse as forças que ainda restavam num bastião defensivo, no monte Hira. Poucos, mas escudados pela própria proteção natural do lugar, um território escarpado e de difícil acesso, os Messênios conseguiram ainda opor à vantagem inimiga múltiplas dificuldades ao longo de onze anos de cerco (4.17.10). Ataques de surpresa e pilhagens constantes contribuíram para incomodar os Lacedemônios – em particular os proprietários de terrenos de fronteira mais atingidos pelas constantes incursões –, mas sobretudo para assegurar mantimentos e produtos essenciais aos sitiados. Durante esses longos anos, mais do que uma vez Aristómenes sobreviveu a ferimentos contraídos em combate ou mesmo à captura, de um modo tão imprevisto que se desencadeou o boato de que os deuses o protegiam.

No entanto, os mesmos deuses que por várias vezes lhe preservaram a vida, determinaram a falência da Messênia. Sinais do além alertaram Aristómenes para essa inevitabilidade. Um simples caso de adultério, que pôs um pastor do inimigo em contacto com a mulher de um dos seus homens e com os segredos da guerrilha, bastou a romper a resistência do Hira. E assim o bastião, desguarnecido de sentinelas numa noite de chuva torrencial, caiu nas mãos do inimigo sem maiores dificuldades. Aristómenes e os que lhe eram mais próximos mantiveram até ao fim a dignidade. Embora certos de que era chegada a hora anunciada do desastre, reagiram e, sem partilharem o segredo da derrota, mantiveram-se ativos animando os companheiros à resistência. A luta foi feroz, mas o resultado estava escrito pelo destino. O comandante soube compreendê-lo e retirar-se em obediência a forças que suplantavam as suas. Tomou, no entanto, uma medida essencial: a de enterrar objetos sagrados que, segundo a previsão dos oráculos, garantiriam, enquanto sobrevivessem, o retorno futuro dos Messênios à sua terra (4.26.7).¹⁸ Não sem que um último gesto de dignidade impusesse o comandante vencido ao vencedor (4.21.11-2): “Aristómenes deu aos Messênios o sinal de retirada da luta, exceto àqueles que continuavam a resistir para protegerem os outros. A esses deixou-os permanecer no seu posto. Aos restantes ordenou que pusessem mulheres e filhos dentro das linhas de combate, e o seguissem pela saída que ele arranjasse. Pôs Gorgo e Mânticlo ao comando da retaguarda, enquanto ele correu a tomar a dianteira. Com um sinal de cabeça e o movimento da lança, mostrou que pedia passagem e que decidira retirar-se. Empéramo e os Espartanos ali presentes preferiram abrir caminho aos Messênios, para não irritarem mais uns sujeitos furiosos e no limite do desespero”.¹⁹

Assim terminava uma guerra que, apesar da derrota, consagrava aos vencidos as coroas conseguidas pela coragem e pela determinação. A Messênia ficou-se então como perdida e sem futuro. Não sem que, mesmo na derrota, Aristómenes interviesse ao serviço do seu povo.

de uma total adesão dos subordinados aos seus estímulos até algumas quebras na disciplina aproxima-o do mesmo trajeto vivido por Alexandre, na versão de Plutarco.

¹⁸ Sobre estes “objetos sagrados”, cf. Pausânias 4.26.8: “Epaminondas ... tratou de abrir a urna, onde encontrou uma placa de estanho finíssima, enrolada como se fosse um livro. Nela estavam escritos os mistérios das Grandes Deusas. Era este o depósito de Aristómenes”. Este achado remetia para os tempos mais remotos da história da Messênia (4.1.5-6) e era como um indício do renascer de um povo e de uma prometida continuidade com o seu passado. Vide HAWES, 2018, p. 163-4.

¹⁹ LANGERWERF, 2010, p. 47-52 desenvolve uma longa reflexão sobre a importância da “ousadia” (*tolme*) e do “desespero” (*apónoia*) no desenho que Pausânias faz do “espírito messênico”.

Depois de encaminhar para o exílio todos os que o quisessem – e foram todos, à exceção daqueles a quem a velhice ou a pobreza tolhiam os passos -, ele próprio se deixou ficar, convicto de que a sua missão não tinha ainda terminado (4.23.2): “Solicitaram então a Aristómenes que os chefiasse para fundarem uma colônia. Ele, porém, respondeu que, enquanto fosse vivo, ia fazer guerra aos Lacedemónios e que estava seguro de causar, por suas mãos, dano a Esparta”.

6 CONCLUSÕES

É certo que as guerras messénicas estão para nós à distância de milénios e que muitos elementos na narrativa de Pausânias, que vimos usando como nosso testemunho principal, estão cobertos de incertezas e fantasias. Mas a própria concepção a que a narrativa obedece está sujeita a um paradigma, estabelecido pelo relato de tantas guerras de referência que foram cruzando a história da Humanidade. Mesmo assim, a nossa experiência do imediato revela uma profunda coincidência entre a convenção literária e a mais crua realidade.

A guerra joga-se sobre um tabuleiro político em que as peças são sempre as mesmas: potência invasora, povo sitiado, intervenção de aliados, meios logísticos, fatores de mentalidade, poder determinante das chefias. É do movimento de cada um destes fatores que resulta um processo sempre cortado de incidentes, avanços e recuos, vitórias e derrotas, rasgos de heroicidade e erros grosseiros, pausas e retomas, que vão condicionando qualquer plano inicial. Nada é, no conjunto, definitivo, como também sempre é elevado o preço a pagar por qualquer uma das partes. Vitórias absolutas, plenas, rápidas e gratuitas são um prémio que os deuses não consentem à contingência humana. A par da importância da estratégia ou dos meios envolvidos, outros fatores são talvez ainda mais determinantes; psicologia coletiva, emoções desencadeadas pelo rumo dos acontecimentos podem subverter o que a quantificação dos meios e efetivos parecia antecipar como inevitável. Tudo está sempre em aberto na prossecução de um conflito.

No caso concreto que lhe serve de motivo no Livro IV da *Descrição da Grécia*, Pausânias manifesta uma simpatia clara pelo lado agredido. Sem dúvida que alguns erros foram também cometidos pelos Messénios. Mas, no cômputo geral, a sua qualidade de vítimas de um ataque não provocado, a determinação com que enfrentaram um conflito à partida desfavorável, os ideais de liberdade e de independência que os norteavam são sempre valorizados pelo cronista. Na imagem do adversário sobra alguma instabilidade de objetivos, que faz depender o avanço dos combatentes de estímulos ou censuras, e uma visão fechada sobre a violência como forma única de conseguir propósitos de ética duvidosa. É a pressão disciplinar, mais do que a vontade ou o ideal, o que os conduz no combate; e, nas vitórias, não hesitam em recorrer à corrupção e ao suborno.

Esta é, no essencial, a conclusão a que milénios de História deram total autoridade. Bom seria que aqueles a quem está conferida, ainda que de forma passageira, a condução do destino dos povos tivessem a prudência de analisar o passado. Grande parte do imprevisto a que cada dia de um conflito está sujeito desaparecia sob esta inabalável regularidade de que tantos exemplos dão testemunho.

REFERÊNCIAS

AKUJÄRVI, J., *Researcher, traveller, narrator: Studies in Pausanias' Periegesis*. Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 2005.

ALCOCK, S., “The pseudo-history of Messenia unplugged”, *TAPhA* v. 129, 1999, p. 333-41.

AUBERGER, J., “Pausanias et le livre IV: une leçon pour l’Empire?”, *Phoenix* v. 54, 2000, p. 255-81.

BRUNHARA, R., *As elegias de Tirteu. Poesia e performance na Esparta Arcaica*. São Paulo: Humanitas, 2014.

HARDER, A., *Euripides’ Cresphontes and Archelaos*. Leiden: Brill, 1985.

HAWES, G., “Pausanias’ Messenian Itinerary and the Journey’ s of the Past”, in FERELLA, C., BREYTENBACH, C. (eds.), *Paths of Knowledge. Interconnection(s) between Knowledge and Journey in the Greco-Roman World*. Berlin, Edition Topoi, p. 151-76, 2018.

LANGERWERF, L., ‘No freer than the helots’. *Messenian rebel behaviour in Pausanias Messeniaka in comparative perspective*. Nottingham: PhD, 2010.

LURAGHI, N., *The ancient Messenians. Constructions of Ethnicity and Memory*. New York: Cambridge University Press, 2008.

PODLECKI, A. J., *The early Greek poets and their times*. Vancouver: The University of British Columbia Press, 1984.

ROCHA PEREIRA, M. H., *Estudos de História da Cultura Clássica. I. Cultura Grega*. Lisboa: Gulbenkian, ¹⁰2006.

RODRÍGUEZ ALCOCER, M. M., “Mesenia: uma identidade criada mediante na alteridade”, *Antesteria* v. 4, 2015, p. 81-99.